

FACULDADE DOCTUM
KARINE AP. PEREIRA DA SILVA

**EMPREENDEDORISMO FEMININO:
DESAFIOS, LUTAS E CONQUISTAS**

Juiz de Fora
2019

KARINE AP. PEREIRA DA SILVA

**EMPREENDEDORISMO FEMININO:
DESAFIOS, LUTAS E CONQUISTAS.**

Monografia de Conclusão de Curso,
apresentada ao curso de Administração,
Faculdade Doctum de Juiz de Fora, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Administração.

Orientador (a): Mariana Mendes

Juiz de Fora
2019

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Faculdade Doctum/JF

Ap. Pereira da Silva, Karine.
Empreendedorismo Feminino - Karine Silva

Nº folhas. 34

Monografia (Curso de Administração) –
Faculdade Doctum Juiz de Fora.

1. Empreendedorismo. 2. Empreendedorismo
Feminino

I. EMPREENDEDORISMO FEMININO:
DESAFIOS, LUTAS E CONQUISTAS

II. Faculdade Doctum Juiz de Fora

KARINE AP. PEREIRA DA SILVA

**EMPREENDEDORISMO FEMININO:
DESAFIOS, LUTAS E CONQUISTAS.**

Monografia de Conclusão de Curso,
submetida à Faculdade Doctum de Juiz de
Fora, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel Administração e
aprovada pela seguinte banca
examinadora.

Prof. ou Prof^a. Mariana Mendes
Orientador (a) e Docente da Faculdade Doctum - Unidade Juiz de Fora

Prof. ou Prof^a. Natália Fernandes Pinto
Docente da Faculdade Doctum - Unidade Juiz de Fora

Prof. ou Prof^a. (titulação e nome do docente)
Docente da Faculdade Doctum - Unidade Juiz de Fora

Examinada em: ___/___/___.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelas oportunidades e conquistas para realização de mais um sonho.

Aos meus familiares que sempre estiveram me apoiando e incentivando a ir atrás dos meus sonhos.

A todos os professores que contribuíram com essa jornada, compartilhando seus conhecimentos, apoiando e nos garantindo uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos meus colegas de graduação, por todos os trabalhos feitos em conjunto e todos os estudos em parceria.

Aos meus cachorros, que são a maior alegria da minha vida, e contribuíram imensamente para a realização de tal sonho, sempre trazendo amor em especial nos dias de cansaço.

E a todos, que de alguma forma contribuíram para esta grande realização.

RESUMO

Pereira da Silva, Karine Ap.. **EMPREENDEDORISMO FEMININO: DESAFIOS, LUTAS E CONQUISTAS**. Número de folhas 34. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Administração). Faculdade Doctum, Juiz de Fora, Ano 2019.

Empreendedorismo, antes uma palavra pouco conhecida, mas que nos dias atuais tem grande força ao redor do mundo, sendo inclusive topo de discussões pelo seu alto grau de importância na economia de regiões e países, é a temática deste trabalho. Embrenhando-se por trilhas que podem ser bastante complicadas, as mulheres conquistam seu espaço. Nos últimos 14 anos, o número de empresária subiu 34% segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Mesmo com muitos obstáculos e dificuldades, a respeito da inclusão de mulheres em cargos antes ocupados somente por homens, as mulheres já representam 46% dos empresários, estando a frente de micros, pequenas e médias empresas no Brasil. Mas será que, mesmo com todo esse avanço, as mulheres estão conseguindo igualdade perante os homens? Contudo, a discussão do empreendedorismo feminino não se trata em colocar mulheres como superiores aos homens, mas sim lutar pelos direitos de igualdade e reconhecimento, uma vez que este traz para o cenário empresarial características natas das mulheres que acaba impactando positivamente nos negócios. O primeiro obstáculo é a falta de oportunidade, uma vez que o ramo dos negócios é predominantemente masculina, fazendo com que algumas mulheres se sintam desencorajadas.

Palavras-chaves: Empreendedorismo; Empreendedorismo Feminino; Mercado de Trabalho; Machismo.

ABSTRACT

Entrepreneurship, once a little known word, but which today has great strength around the world, and is even top of the discussions for its high degree of importance in the economy of regions and countries, is the subject matter since work. Embarking on trails that can be quite complicated, women gain their space. In the last 14 years, the number of entrepreneurs has risen 34% according to the Brazilian Service of Support to Micro and Small Companies (Sebrae). Even with many obstacles and difficulties, with regard to the inclusion of women in positions previously occupied only by men, women already represent 45% of entrepreneurs, with micro, small and medium-sized enterprises ahead of Brazil. But is it true that, even with all this advancement, women are achieving equality before men? However, the discussion of female entrepreneurship is not about placing women as superior to men, but rather about fighting for the rights of equality and recognition, since it brings to the business scenario the characteristics of women that have a positive impact on business. The first obstacle is the lack of opportunity, since the business sector is predominantly male, making some women feel discouraged.

KEYWORDS: Entrepreneurship; Female Entrepreneurship; Job market; Chauvinism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Evolução do Empreendedorismo.	16
Figura 2: Evolução da distribuição percentual dos empreendedores iniciais segundo gênero	23
Figura 3: Taxas específicas de empreendedorismo em estágio inicial segundo gênero	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
USP	Universidade de São Paulo
WEC	Conselho Empresarial da Mulher
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SPM	Secretaria de Política para Mulher
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivos	13
1.1.1 Objetivo geral.....	13
1.1.2 Objetivos específicos	13
1.3 Justificativa.....	14
1.4 Metodologia.....	14
2 EMPREENDEDORISMO E SUA HISTÓRIA NO MUNDO.....	15
2.1 Empreendedorismo no Brasil.....	17
3 EMPREENDEDORISMO FEMININO	19
3.1 Empreendedorismo Feminino no Brasil	21
4 POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL.....	25
5 DIFICULDADES ENFRENTADAS POR MULHERES	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

O mundo do trabalho encontra-se em constantes modificações, abrindo e fechando oportunidades. Desde a primeira Revolução Industrial (1780 a 1860) o modo de se trabalhar vem se renovando, conforme a necessidade do mercado. Com o surgimento das indústrias mecanizadas por máquinas a vapor e tear mecânico, a revolução impulsionou um grande crescimento econômico, entretanto, segundo historiadores, com a Revolução a riqueza veio para burgueses, enquanto a miséria e o desemprego aumentou para os trabalhadores.

Tais condições de desemprego continuaram na segunda e terceira Revolução Industrial e não estão descartadas na quarta. Com isso, os trabalhadores foram observando que a melhor maneira de se manter no mercado de trabalho seria se aperfeiçoando a respeito da demanda do mercado e se tornando donos de seus próprios negócios.

Assim, muitos trabalhadores começaram a pensar e desenvolver algo que realmente pudesse gerar retorno financeiro e satisfação pessoal para si, tendo visão da necessidade do mercado e colocando em prática negócios inexistentes ou melhorando serviços e mercadorias com um grau de insatisfação dos clientes, tornando-os assim, empreendedores.

Empreendedorismo é uma palavra designada para reconhecer “um indivíduo que assume riscos e investe em algo novo”. Atualmente, empreendedor se refere ao profissional que dá início a uma organização, que cria algo, planeja e cuida de todas as partes para que este negócio evolua e cresça no mercado no qual foi planejado. Este, tem um destaque importante nas organizações contemporâneas, visando que estas estão em busca de inovação para liderar o mercado que está cada dia mais competitivo.

Para Franck H. Knight (1967) e Peter Drucker (1970), o empreendedorismo é assumir riscos. O comportamento de uma pessoa empreendedora reflete uma pessoa que assume riscos em nome de uma ideia, mesmo que tenha que colocar sua carreira e segurança pessoal na reta, investindo tempo e capital em um futuro incerto.

O empreendedorismo atual vem se destacando pelo fato do crescente aumento de mulheres. Antes, a maioria das empresas eram abertas e administradas por homens, a parte gerencial era na sua maior parte formada por eles. A criação e condução de empresas por mulheres no Brasil, possui grande relevância na economia. As micro, pequenas e médio empresas tem 46% de mulheres à sua frente (SEBRAE, 2017).

Para as mulheres, empreender é uma forma de empoderamento, pois, a jornada dupla de empresária e “dona de casa” pode contribuir para o autoconhecimento, a quebrar paradigmas e na lutar contra os modelos de trabalho ainda machistas proporcionando a conquista de sua liberdade através da independência financeira. Nos últimos 14 anos, o número de empresárias subiu 34%, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2017).

Mesmo com diversos obstáculos e dificuldades, na inclusão das mulheres em cargos antes ocupados apenas por homens, estas já representam 46% dos empresários, estando a frente de micro, pequenas e médias empresas no Brasil. Mas será que, mesmo com todo esse avanço, as mulheres estão conseguindo igualdade perante os homens?

Não se trata de colocar a mulher como superior, mas sim de reconhecer sua capacidade em administrar negócios de uma forma eficiente e eficaz, realizando as mesmas funções que os homens com o mesmo grau de competência. É, sobretudo, redefinir a cultura de que lugar de mulher é cuidando de casa.

Segundo Barnett (2004), tanto organizações, quanto as pessoas em si, ainda creem no mito de que ainda existe à diferença entre gêneros na questão profissional. A ideia de que as mulheres têm capacidades maiores para cuidar do lar e os homens tem habilidades maiores para atividades fora do lar, cria uma armadilha. Os homens e as mulheres ficam prisioneiros dos pensamentos e ideias em relação de quem trabalha e quem cuida do lar.

Apesar de grandes avanços para as mulheres, ainda há muitos obstáculos e dificuldades para serem superados. No mercado de trabalho brasileiro, de forma geral, mesmo com um maior nível de escolaridade e desempenho nas mesmas funções que os homens, os salários das mulheres podem ser até 50% menores (G1 Economia, 2018). Segundo uma projeção feita pelo Fórum Econômico Mundial (2018), a igualdade salarial no Brasil, caso permaneça no ritmo atual, só ocorrerá em aproximadamente 100 anos.

Tendo em vista o papel da mulher no empreendedorismo e sua inclusão no contexto social em que atua, o presente trabalho objetiva analisar os problemas encontrados pelas mulheres no âmbito dos negócios, aprofundando-se na discussão e a compreensão das empreendedoras brasileiras em relação a fatores psicológicos e sociais.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é identificar e relatar as principais dificuldades ainda enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho brasileiro e o crescimento destas no empreendedorismo.

1.1.2 Objetivos específicos

Especificamente, objetiva-se

- Apresentar o contexto e conceitos principais do empreendedorismo;
- Demonstrar o crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil nos últimos anos;
- Relatar a importância da mulher na empresa;
- Mencionar a desigualdade e dificuldades das mulheres no mercado de trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema empreendedorismo feminino: desafios, lutas e conquistas, se justifica por acreditar necessidade de maiores discussões e conhecimentos do tema em questão.

Observando as conquistas e o espaço que as mulheres vem obtendo no mercado de trabalho nos últimos anos, a desigualdade de gênero e o machismo ainda são dominantes.

Mesmo sendo avaliadas com grandes potências, exercendo as mesmas funções dos homens, a diferença de salários e credibilidade é enorme. Com base nisso, este trabalho se justifica para que mostre para quem for lê ou faça uso como referência que, é de extrema importância a igualdade de gênero para conquistas, não apenas das mulheres, mas para o empreendedorismo em geral.

Barros, Ramos e Santos (1995) afirmam que um grupo social discriminado produzirá abaixo do nível considerando ótimo, o que irá fazer com que os recursos da organização sejam mal utilizados.

1.4 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa é a parte que define onde, como e de que forma será realizada a pesquisa e quais métodos serão utilizados para buscar informações para a execução dos objetivos determinados.

A pesquisa realizada neste trabalho foi a exploratória, esta procura explorar um problema, a fim de fornecer informações mais precisas, se aprofundando mais no tema abordado. Adotou-se uma abordagem qualitativa para esta pesquisa, sendo que também foi utilizado técnicas simples de estatística para caracterizar o universo pesquisado. A pesquisa abrange mulheres empreendedoras no Brasil, tendo o foco nas dificuldades encontradas por estas na experiência profissional e social.

Inicialmente, as pesquisas foram realizadas em artigos já publicados sobre o tema, juntamente com livros referentes ao tema empreendedorismo em geral e sites de grande confiabilidade, como o SEBRAE, que discutem sobre o tema. Tais referências foram separadas de acordo com o planejamento de tópicos do trabalho, para uma melhor organização do seguimento do assunto em questão.

2 Empreendedorismo e sua História no Mundo

Nos últimos séculos, principalmente no XX, as pessoas revolucionaram seu estilo de vida, inclusive no sentido profissional, inovando em técnicas e métodos, ou até mesmo olhando de maneira diferente oportunidades que ninguém até então havia notado. Para que essas mudanças se tornem grandes inovações de sucesso, existem pessoas com características que são consideradas visionárias, que vêem novas oportunidades e fazem acontecer, ou seja, empreendem. Souza, Rosa e Loch (2011) entendem que tais pessoas são responsáveis por desenvolvimentos pessoais e sociais, com atenção voltada para os resultados alcançados.

Alves (2008), fala que o termo “empreendedor” surgiu por volta dos séculos XVII e XVIII, na França. A partir de então, o termo é utilizado voltado para a economia por conta de ter um forte viés de uso para a geração de valor econômico e grande exploração das oportunidades de mercado (MESQUITA, 2003). No início, o termo empreendedorismo era voltado para os profissionais que possuíam habilidade técnicas para produzir. E também ajudava com o desenvolvimento econômico e com a transformação de recursos em negócios lucrativos.

Muito se diz que o empreendedorismo se iniciou com um homem chamado Marco Pólo, quem tentou firmar um caminho comercial até o oriente. Marco Pólo, como empreendedor, concordou em vender mercadorias de um homem que possuía muito dinheiro, atualmente chamado de capitalista. O empreendedor assumia o papel ativo, era o que corria riscos emocionais e físicos, enquanto o capitalista assumia riscos de uma forma passiva. (MOTA, 2004). Enquanto o termo empreendedorismo foi criado por Richard Cantillon, um escritor e economista do século XVII. Este especificou a diferença entre um empreendedor e um capitalista, algo que se tornou

necessário com a Revolução Industrial para que um entendimento mais profundo sobre o empreendedorismo fosse realizado.

O quadro (1) abaixo exemplifica como surgiu a evolução do empreendedor. Este foi retirado do artigo: Empreendedorismo Feminino: Um Estudo Das Mulheres, 2010.

Quadro 1: Evolução do Empreendedorismo.

Época	Entendimento	As pessoas
Idade Média	Utilizado para definir aquele que gerenciava grandes projetos de produção.	O indivíduo não assumia grandes riscos, apenas gerenciava projetos, utilizando recursos disponíveis, geralmente provenientes do governo do país.
Século XVII	Primeiros indícios de relação entre assumir riscos e empreendedorismo. Os acordos contratuais geralmente estabeleciam preços prefixados e qualquer lucro ou prejuízo era exclusivo do empreendedor.	Algumas diferenciações: do empreendedor – aquele que assumia riscos – do capitalista – aquele que fornecia o capital.
Século XVIII	Início da industrialização, a definição do papel dos investidores no processo de manufatura.	O capitalista e o empreendedor foram finalmente diferenciados. a pessoa que criava e conduzia empreendimentos.
Século XIX e XX	Análise sob o ponto de vista econômico, a organização da empresa a serviço do capitalista.	Os empreendedores são confundidos com os gerentes e administradores.

Fonte: Empreendedorismo Feminino: Um Estudo Das Mulheres, (2010).

Com o acontecimento da Primeira Revolução Industrial entre 1760 e 1860, indústrias de tecidos de algodão começaram a surgir, utilizando máquinas de tear. Com essas indústrias obtendo uma produção de maior quantidade e mais rápida do que a realizada manualmente, muitas pessoas tiveram que deixar seus artesanatos para trabalhar na cidade grande. Observando o avanço das indústrias guiados pelas máquinas, muitos empreendedores viram a chance de crescer no mercado e trazer para o cotidiano das pessoas e empresas diversas invenções como o combustível

derivado do petróleo, motor a explosão e locomotiva a vapor, está então foi denominada Segunda Revolução Industrial.

Atualmente estamos no final da terceira Revolução Industrial e início da quarta, sendo que na terceira houve a entrada dos visionários empreendedores no mundo digital, com o surgimento de celulares, computadores, internet e meios de comunicação mais rápidos e eficientes. Por ser uma época mais atual, temos grandes empreendedores mais conhecidos e citados pelas pessoas, como Steven Jobs, fundador, presidente e diretor executivo da Apple criada em 1976, e hoje a maior empresas de tecnologia mundial.

Vendo a importância do empreendedorismo para a economia mundial, muito se começou a falar no assunto. Atualmente vemos diversas palestras e cursos abordando o assunto. Em universidades há matérias voltadas totalmente para tal conteúdo.

2.1 Empreendedorismo no Brasil

No Brasil, o empreendedorismo começou a ganhar destaque e força com a abertura econômica do mercado internacional, nos anos 90. Com a entrada de empresas estrangeiras no país, houve um controle nos preços, ajudando o país voltar a crescer. Porém, nem todos os empreendimentos obtiveram sucesso com essa mudança no mercado, muitas empresas brasileiras não conseguiram competir com os preços de empresas estrangeiras, e sem planejamento para o novo mercado tiveram que fechar as portas. Segundo Silveira (2008), antes da abertura econômica nos anos 90, o termo empreendedor era quase desconhecido no Brasil. Era difícil a abertura de pequenas empresas devido à instabilidade econômica e política, porém existiam empreendedores. Estes atuavam dentro de grandes empresas em áreas como finanças e marketing, e em outras áreas empresariais, um exemplo disso é o industrial Francisco Matarazzo, que muito contribuiu para o desenvolvimento do país.

Porém, antes da abertura da economia, em 1981, por iniciativa do professor Ronald Degen, através da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, começou a oferecer o curso de empreendedorismo chamado “Novos Negócios”. EM 1984, a USP introduziu a matéria em alguns de seus cursos de graduação como, Administração, Contabilidade e Economia.

Abaixo estão alguns acontecimentos importantes do empreendedorismo no Brasil, após justamente a abertura da economia.

1990 – Com abertura da economia o empreendedorismo ganha força. Neste período surge a entidade Sebrae (Serviços Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas);

1997 – É criado o primeiro curso de administração com especialização em empreendedorismo e pequenos negócios em São Paulo;

1999 – É estabelecido um modelo para determinar ações que são consideradas empreendedoras;

2000 – Surge o primeiro centro de empreendedorismo na USP- Universidade de São Paulo;

2004 – Começa a surgir vários eventos voltados para o empreendedorismo;

2006 – Ocorreu o primeiro congresso de empreendedorismo para o país.

A partir de então, o interesse pelo empreendedorismo só vem aumentando, a cada dia novas pessoas decidem colocar suas ideias inovadoras em prática. Apesar de o empreendedorismo ser o sonho de muitos brasileiros, a burocracia para tal é enorme. O Brasil é um dos países mais burocráticos do mundo. Para que se possa abrir uma empresa se leva mais de 100 dias, enquanto que em alguns países mais desenvolvidos, a média é de 5 dias (Endeavor, 2017). Todo esse tempo estimado para a abertura do negócio se deve a liberações de alvarás e licenças específicas que devem ser obedecidas.

Além das documentações para a abertura do negócio, os empreendedores também precisam estar atentos as questões econômicas. Segundo Joseph Schumpeter (1911), um dos maiores economistas do século 20, toda nação passa por 4 etapas em seu ciclo econômico, que são: bom, recessão, depressão e recuperação. Nos últimos anos, o Brasil passou pela maior fase de depressão de sua história. Tal fase é caracterizada por numerosas falências de empresas, elevado crescimento de desemprego, escassez de crédito, baixo investimento e produção, redução de transações comerciais, entre outros aspectos. A depressão é considerada mais grave e severa que a recessão, está por sua vez é considerada uma declinação normal do ciclo econômico.

Com a recuperação da economia brasileira, a expectativa é que o número de abertura de empresas volte a se elevar. Com a taxa de juros mais acessível é possível que as pessoas comecem a ganhar mais confiança em investir no próprio negócio.

3- Empreendedorismo Feminino

Ao longo de toda a existência, mulheres e homens empenharam papéis totalmente distintos. Mulheres sempre foram vistas como o sexo frágil e por muitos anos entendidas como dependentes dos homens. Essa visão fez com que as mulheres sempre fossem submissas aos homens, tanto antes como após o casamento. Com o desenvolvimento das tecnologias, começaram a ser necessários trabalhos mais intelectuais e houve a diminuição dos trabalhos braçais. Assim, foram criadas novas oportunidades para as mulheres se inserirem no mercado em diversos ramos de atividade.

Episódios importantes que marcaram a entrada das mulheres no mercado de trabalho e sua permanência nele, foram a Primeira e Segunda Guerra Mundial que ocorreram entre 1914-1918 e 1939-1945, respectivamente. Com o elevado número de homens ausentes, sendo convocados para a guerra e muitos morrendo em

combate, se tornou inevitável a contratação de mulheres para funções desempenhadas, até então, exclusivamente pelos homens. As mulheres então passaram a se unir para reivindicar seus direitos e lutar pela igualdade dos sexos. No século XVIII, os movimentos femininos ganharam grande força com o Iluminismo e a Revolução Francesa.

Dentre os ramos que surgiram para as mulheres estava o empreendedorismo, que traz normalmente independência financeira, satisfação pessoal, elevação de autoestima e diminuição do preconceito.

Os estudos relacionados ao empreendedorismo feminino tratam várias questões além do lado profissional, também destacam as características psicológicas e comportamentais. As mulheres empreendedoras tem um desejo de independência e realização, estas sabem que sua persistência e características são fundamentais nos negócios atuais. Para Astoni e Raposo (2007), a iniciativa das mulheres em reivindicar seus direitos foi muito importante, porém, junto com os direitos também vieram muitas responsabilidades.

Por muito tempo o papel da mulher na sociedade era definido como dona de casa, somente voltada para os afazeres domésticos e cuidados com os filhos e marido, sem direitos de expressar seus sonhos e ir em busca do que realmente desejava. Porém, a realidade atual é outra, podemos ver uma mudança nítida no comportamento atual das mulheres, não para serem iguais aos homens, mas para competir em igualdade (CATARDO, 2005). Para Barnett (2004), os diversos obstáculos enfrentados por mulheres no mercado de trabalho vêm dessa cultura histórica. Entretanto, as inúmeras realizações das mulheres provavelmente provocarão o desaparecimento dessas barreiras.

A sociedade atual é muito mais preparada e aberta para a mulher empreendedora, embora ainda existam situações nas quais a referência feminina nos negócios represente um paradigma. Segundo a pesquisa do Conselho Empresarial da Mulher (WEC) de 2010, nos EUA, há uma crescente participação das mulheres em negócios tradicionalmente ligados aos homens, como exemplo, indústria, varejo, agronegócio e construção civil (DICKSON, 2010). E este fato está ligado à

capacitação das mulheres nessas profissões, que tem como uma das razões o rendimento relacionado a estes negócios.

Segundo ENDEAVOR Empreendedorismo (2004), durante os anos 90, a renda média das mulheres aumentou 43%, enquanto a dos homens aumento 19%. Mesmo tendo semelhança nas características de empreendedor e empreendedora, a motivação das mulheres são diferentes, assim como as habilidades e histórico profissional. O processo de começo de um negócio também é diferencial para ambos, em geral eles possuem os mesmos interesses e experiências em seus negócios, porém o empreendedor, normalmente, se insere em algo parecido ao seu emprego anterior, e as empreendedoras deixam sua antiga ocupação por conta de alguma frustração e passam a buscar algo pessoal e não apenas profissional (HISRICH, 2004).

O empreendedorismo é uma importante alternativa para inserção das mulheres no mercado de trabalho, mesmo com a cultura do machismo, aos poucos elas vão se destacando na sociedade. Segundo um estudo de uma ONG americana especializada em realizar pesquisas na economia, National Bureau Of Economic Research, publicado em 2009, entre os trabalhadores com um nível de educação alto, as mulheres ganham um menor salário por trabalharem menos horas e ter que interromper a carreira mais vezes por conta da família. A questão é, que para as mulheres há outras prioridades tão ou mais importantes do que o trabalho, elas não são tão obsessivas pela profissão como os homens.

A diferença salarial é usado como uma forma de mostrar a desigualdade entre homens e mulheres nas empresas. Elas ainda ganham menos. De acordo com o levantamento mundial realizado pelo banco Goldman Sachs, as mulheres ganham 57% do que ganham os homens. Em onze países em desenvolvimento, esta porcentagem cai para 48%. No Brasil, mulheres com nível superior completo tem a remuneração de 57,9%, da que dos homens com o mesmo nível de escolaridade. Estes dados são de 2008, e foram divulgados pelo governo na Relação Anual de Informações Sociais (REVISTA ÉPOCA, 2010).

3.1 - Empreendedorismo Feminino No Brasil

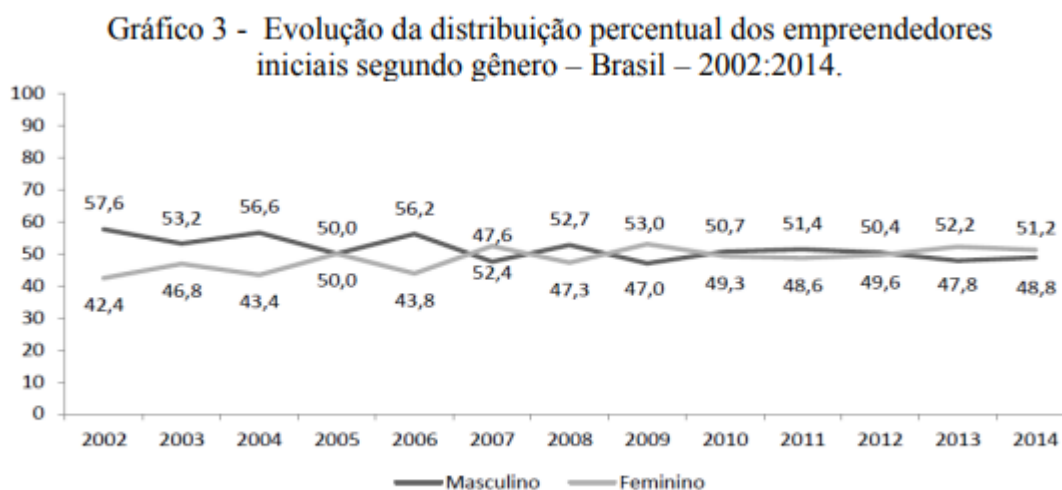
Para que possamos compreender melhor a história da mulher brasileira no empreendedorismo, é necessário voltarmos um pouco ao passado. Ao longo dos anos, como vimos anteriormente, a tradição cultural sobre a mulher teve relevantes mudanças, entretanto, nos anos 70, houve um grande marco com o aumento de mulheres no mercado de trabalho. Assim, as mulheres passaram a investir cada vez mais em suas formações, ganhando espaço em diversos cargos dentro das organizações (BRUSCHINI, 2000). Com o crescimento econômico que ocorreu nesta época, o alto ritmo da industrialização e o aumento da urbanização, houve o favorecimento da entrada de novos trabalhadores, dentre estes, mulheres (CABRAL, 1999).

Com o tempo, se tornou necessário para muitas mulheres começarem seu próprio empreendimento. A precariedade das relações de trabalho, o aumento da terceirização, as excessivas jornadas de trabalho, entre outras razões, fizeram o aumento do empreendedorismo para que se desse conta de sustentar a família. Com isto, as mulheres ganharam seu espaço economicamente no país e não apenas sendo inseridas em cargos importantes de empresas já existente, mas também constituindo novos negócios (FRANCO, 2014).

No ano de 2014, segundo uma pesquisa realizada pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM), as brasileiras estão entre as mais empreendedoras do mundo, desde 2000, quando foi realizada a primeira pesquisa no país, as mulheres já se destacavam frente aos países participantes, sendo a maior equiparação aos homens em nível mundial. Em 2018, a pesquisa apontou que elas já são a maioria em novos empreendimentos no país, sendo 52%, e o número de mulheres empreendedoras no Brasil vem se aproximando ao dos homens. De 27,4 milhões de pessoas a frente de empreendimentos com estágio inicial ou menos de 42 meses de existência no Brasil, prevalece o empreendedorismo feminino, esse resultado foi tirado da edição da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor, 2009.

Só em 2017, 163 milhões de mulheres iniciaram uma atividade econômica. A pesquisa envolveu 63 países, entre eles o Brasil, e chegou à conclusão que entre os anos de 2015 e 2017 o número de mulheres que começou uma atividade econômica teve um aumento de 10%, diminuindo, no mesmo período, o percentual entre homens e mulheres para 5% na média mundial.

Segundo pesquisas também realizadas pelo GEM (2007), esse aumento de mulheres no empreendedorismo se deu por vários fatores. Dentre estes, o principal motivo se dá pelo fato de as mulheres estarem tomando a frente de seus lares e assumindo o papel de provedoras, tendo a necessidade de buscarem soluções para sustentarem suas casas. O segundo motivo seria o nível de escolaridade e formação das mulheres em relação aos homens. O terceiro seria pelas mudanças na estrutura familiar dos brasileiros, aonde os casamentos começaram a ser mais tardios e se reduziu o número de filhos. E em quarto, o fato das mudanças na cultura, que fez com que as mulheres fossem aceitas no mercado de trabalho.



Fonte: GEM (2014)

A pesquisa do GEM (2014), ainda mostrou que no Brasil, foi o país que mostrou a menor diferença entre homens e mulheres como novos empreendedores. O país que chegou mais próximo ao resultado do Brasil foi o México, Nos demais países,

mesmo nos mais desenvolvidos como Estados Unidos e Alemanha, os homens se encontram bem à frente das mulheres nesta questão. No quadro abaixo observamos o resultado.

Gráfico 4 - Taxas específicas de empreendedorismo em estágio inicial segundo gênero – países selecionados – 2014.

		Masculino	Feminino	TEA
Países selecionados	Brasil	17,0	17,5	17,2
	Alemanha	6,5	4,0	5,3
	China	16,8	14,2	15,5
	EUA	16,5	11,2	13,8
	Índia	8,5	4,6	6,6
	México	19,7	18,3	19,0

Fonte: GEM (2014)

Mas, quando se trata de negócios já estabelecidos no mercado, o Brasil tem na sua maioria homens, com cerca de 54,9%, enquanto as mulheres tem 45,1%. Porém, tal diferença já diminuiu de maneira considerável, sendo que em 2002 os homens representavam cerca de 69,1% e as mulheres 30,9%. Com tais dados, retirados da GEM (2014), podemos notar que, empresas já estabelecidas são criadas e comandadas por homens, o que nos mostra que a taxa de mortalidade de empresas criadas por mulheres são maiores.

O perfil das mulheres empreendedoras no Brasil, diz que 40% tem menos de 34 anos e empreendem principalmente nos ramos de restaurante 16%, serviços domésticos 16%, cabeleireiro 13% e comércio de cosméticos 9%. A maioria empreende dentro de casa 35% e 6% possuem graduação completa. Além disso, as mulheres brasileira tem 5 vezes mais participação em negócios relacionados com a educação, saúde e bem-estar social do que o homens.

Segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios), as mulheres tem ganhado cada vez mais espaço nos orçamentos familiares com a renda ganha, sendo que a cada 10 lares, 04 são chefiados por mulheres, e dessas, 41%

desempenham sua própria atividade econômica e 43,2% ocupam atividades de gerencia em micro e pequenas empresas.

As mulheres também estão conquistando seu espaço na política. Hoje já vemos um considerável grau de representatividade feminina, ajudando na luta pelas causas de igualdade, espaço e liberdade de expressão. Tal conquista é de extrema importância, vendo que é necessário que essas discursões atinjam um nível maior de visibilidade populacional.

4 – Políticas Públicas No Brasil

Para as mulheres brasileiras, o ano de 2003 foi um marco em relação a política pública voltadas para mulheres com a criação da Secretária Especial de Políticas para Mulheres, por meio de uma medida provisória de nº 103, em forma de ministério. Mas a luta para a igualdade e o reconhecimento vem bem antes. No ano de 1970, houve a criação de organizações sindicais para a defesa de lutas como a incorporação das mulheres no mundo do trabalho e a liberdade política no país. Consolidou-se também, neste mesmo período, a incorporação da perspectiva de gênero por políticas públicas.

Segundo Esmeralda (2002), o Movimento Feminista e de Mulheres começaram a dar visibilidade a partir da realização dos Congressos da Mulher. O primeiro Congresso ocorreu em São Paulo no ano de 1979, e o segundo em 1980, reunindo cerca de 4 mil mulheres, tendo 52 entidades participantes, e 9 delas sendo feministas declaradas. Um dos debates mais acirrados nestes Congressos, se deu ao entorno do que é ou não “ser feminista”, sobre mulheres denominadas “políticas” e as autodenominadas “feministas”.

Em 26 de agosto de 1985 foi criado o Conselho Nacional de Direitos das Mulheres, com o projeto aprovado no Congresso Nacional através da Lei nº 2 7.353. Sua primeira presidente foi Ruth Escobar, tomando posse em 11 de setembro de 1985. Tal Conselho foi criado tendo autonomia financeira e administrativa, sendo vinculado ao Ministério da Justiça, possuindo status de “Ministério”. O Conselho

atuava em de forma imediata em três áreas, creches, violência e constituinte, elaborando também, projetos para intervir em áreas de saúde, trabalho, educação e cultura. Obtendo grande importância na democratização do país, garantiu que boa parte das reivindicações fosse incluída na Constituição de 1988.

Em 1989, no final do governo do Sarney, o ministro da Justiça determinou mudanças no Conselho Nacional, tal atitude comprometeu de forma significativa a autonomia e o orçamento do Conselho da Nacional da Mulher e também rejeitou as indicações de representantes do movimento das mulheres para renovação do conselho. Com isso, a então atual presidenta Jaqueline Pitanguy pede a renúncia do cargo, e assim é acompanhada por todas as conselheiras e representantes da sociedade civil que também renunciaram, criando em 1989, o Fórum Nacional de Presidentas de Conselho da Condição Feminina e Direitos da Mulher.

Esmeraldo (2002, p. 247) expõe que em 1990, durante o governo de Collor de Mello, as últimas prerrogativas do Conselho são extintas e no governo de Fernando Henrique Cardoso, mesmo com a pressão das mulheres, o Conselho continuou sem autonomia política e financeira.

Durante os anos 90 e 2000, muitos grupos de apoio as mulheres foram criados como, Grupo de Mulher Mãe Andressa, União da Mulheres, Espaço Mulher, Grupo Viva Maria, este último voltado para a violência que ocorria contra as mulheres o que auxiliou na criação da Delegacia Especial da Mulher. Tais movimentos tiveram papel fundamental quando aos debates sobre os direitos da mulheres na questão de gênero. Conquistando visibilidade, autonomia, garantia de direitos e fortalecimento social em espaços públicos e privados.

Em meio a tanta luta e muitos anos sem reconhecimento político pelas causas defendida, no ano de 2003, no então governo Lula criou a Secretária de Política para as Mulheres (SPM), em 28 de maio de 2003, por meio da Lei nº 10.683, a qual foi fundada com a missão de extinguir todas as forma de desigualdade sobre as mulheres. Porém, foi em 2010, por meio da Lei nº 12.314, art. 22, que a competência desta secretaria foi definida e transformado em ministério.

No governo seguinte, de Dilma Rousseff, em 2012 houve a criação da Coordenação Geral da Diversidade, que tinha como função a promoção de políticas públicas para mulheres indígenas, lésbicas, negras, idosas, jovens e com deficiência. Em 20 de junho de 2013, pelo decreto nº 8.030, foram criadas secretárias para compor a SPM, como a Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres; Secretaria de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres; e Secretaria de Articulações Institucionais e Ações Temáticas. Todas essas secretárias são voltadas para as mulheres e seu bem estar. E em âmbito internacional, a ONU criou em 2010, por unanimidade de votos, a ONU Mulheres, órgão que em como função acelerar os processos de igualdade de gênero e fortalecimento da autonomia das mulheres.

Apesar de obter um notável aumento, incluindo o fato do Brasil ter tido uma Presidente da República mulher ganhando as eleições, em dois mandados consecutivos, a presença das mulheres na política ainda é considerado pequeno. Para tentar mudar o quadro em cargos e poder, em especial na política, ouve a criação de cotas, uma demanda do movimento feminista. No Brasil, a primeira lei de cotas é de 1997 (Lei nº 9.504/97), que teve inicialmente um efeito positivo no aumento de candidaturas, porém, se tratando das mulheres eleitas, o resultado foi considerado quase inexistente. Com o objetivo de aprimorar tal pensamento, em 2009 a Lei 12.034 que é obrigatório a candidatura de no mínimo 30% e no máximo 70% para cada sexo.

E no ano de 2006, entrou em vigência a Lei nº 11.340/2006, Lei Maria da Penha, que entrou em vigor para reprimir e prevenir a violência contra as mulheres em relação afetivas e familiares, objetivando diminuindo os casos de violência domésticas e feminicídios, em todas suas expressões e em qualquer contexto socioeconômico.

5- Dificuldades Enfrentadas por Mulheres

Nos últimos anos, houve um significativo aumento no número de mulheres empreendedoras, no Brasil e também no mundo. Cerca de 30% de todos os negócios privados, atualmente, são idealizados ou operados por mulheres. Tal dado poderia

ser promissor, se não fosse pelo fato de apenas uma pequena parcela desses negócios serem considerados de alto impacto. Por exemplo, nos Estados Unidos, apenas 2% das empresas que são lideradas por mulheres, geram mais de US\$ 1 milhão em receitas anuais, segundo informações do SEBRAE (2018). Em um estudo realizado com empresas norte-americanas, foi identificado que uma das causas é o investimento desigual por parte de instituições financeiras.

A falta de apoio, seja emocional, financeiro e de oportunidade são as críticas mais argumentadas pelas mulheres. Em seguida vem a descrença e falta de confiança, por clientes, fornecedores e acionistas, e ainda o menosprezo e desmerecimento realizados por colegas de trabalho. Pode se perceber que tais dificuldades são originárias de uma sociedade predominantemente machistas historicamente, exigindo das mulheres uma maior capacitação e melhor empenho para gerenciar um novo negócio (ANDREOLI, 2007). Dentre as dificuldades que são mencionadas por empresárias são geralmente vinculadas com pais, maridos e filhos. Pode dizer que isso é porque as mulheres carregam um peso adicional, que é a preocupação junto à constituição da família (ANDREOLI, 2007).

O processo empreendedor já é naturalmente cheio de dificuldades e desafios, porém, por conta da construção histórica que a envolve, o gênero feminino, para as mulheres as dificuldades se tornam maiores. Segundo McGowan, Cooper, Redeker e Greenan (2012) para a mulheres, há um prazer de liberdade e flexibilidade em gerenciar seu próprio empreendimento, com um pouco de descontentamento por conta da demanda de tempo entre a necessidade de equilibrar as exigências entre os negócios e a família. Portanto, no empreendedorismo feminino, a realidade muitas vezes apresenta aspectos negativos. Tais aspectos se dão por questões como compromissos conflitantes, sentimento de culpa e pontos de vistas dos outros sobre o papel tradicional da mulher na sociedade, principalmente o de mãe cuidadora. Estes aspectos são decorrentes de bem-estar emocional, saúde pessoal, sentimento de isolamento e estresse dentro das relações pessoais.

Ainda, com todas essas dificuldades, as empreendedoras precisam lidar com vários mitos que são associados ao fato de serem mulheres. Dentre eles que, as mulheres só ocupam cargos de liderança em empresas quando esses são herdados

de seus pais ou maridos. Em algumas pesquisas relacionadas com liderança feminina, do Babson College, nos EUA (2003), 88% das proprietárias de empresas foram fundadas por elas, e apenas 12% foram empresas familiares. E um outro mito seria de que as mulheres não criam empresas com alto potencial e boa rentabilidade. Contraditório, pois segundo Andreoli 2007, existem vários exemplos de sucesso nas indústrias da tecnologia norte-americana.

Com muitos impasses para se tornar empreendedora, a maior dificuldade acabou sendo gerada pela própria mulher, que é desacreditar em si mesma. Com a auto cobrança, comparações, falta de apoio, entre outros, as mulheres acabam se sentindo incapazes e desistindo de seguir a diante, em seu negócio. O machismo entrelaçado no mundo dos negócios, faz com que as mulheres percam a confiança em si.

A luta empenhada pelas mulheres de todas as partes do mundo, não está sendo para que estas sejam vistas como superiores aos homens, mas para que tenham seu direitos garantidos e igualitários, para que as oportunidades e o reconhecimento não sejam diminuídos. Mulher não deve mais ser vista como o sexo frágil e impossibilitado de tomar decisões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer dos tempo, ficou notável o avanço das mulheres no mercado de trabalho e as conquistas decorrentes de muitas lutas. A mulher vem cada vez mais mostrando seu papel no meio dos negócios, e quebrando barreiras e paradigmas. Os valores e culturas da sociedade vão se modificando em busca da aceitação do fim de uma cultura que inibia as mulheres de mostrarem seu potencial e as colocava como um ser frágil, que deveria apenas cuidar do lar e da família.

Observasse que no empreendedorismo feminino a um grande teor de motivação por sobrevivência, assim, concluímos a importância de se ter políticas públicas voltadas para estas características, visando que estas podem ser agentes de transformação para a economia do país. Com essa atitude, o país estimularia o desenvolvimento de novos negócios e a inserção da mulher no empreendedorismo.

Com o aumento e a visibilidade tomada pelos grupos feministas, houve um considerável aumento de inserções de mulheres em cargos de destaque no setor público e privado. A importância da mulher para o empreendedorismo ganhou força, empenho e se tornou motivação. Porém, ainda há um grande obstáculo social, algo que interfere não apenas na condição das mulheres em se manterem no mercado, mas também atinge com seu lado emocional. O fato da dupla jornada é um grande desafio para as mulheres, que por muitas vezes optam por largar seus trabalhos e se dedicarem à família, sendo um dos principais motivos, o apelo social, que muitas vezes vem, primeiramente, de dentro do próprio lar, pelos familiares que julgam ser correto a mulher colocar sua casa em primeiro lugar, e a fazendo sentir culpada por não estar presente por inteiro para seus filhos e maridos.

No local de trabalho, o machismo interfere em decisões pessoais tomadas pelas mulheres. A falta de oportunidade, a descrenças vindo por parte dos colegas e dos clientes, a diferença salarial são alguns dos motivos que faz com que as mulheres se sintam diminuídas e acabem afetando seu desempenho, algo que atrapalha também o desenvolvimento da organização, ocasionando falta de entusiasmo, medo de expor ideias, má comunicação, entre outras.

Com a pesquisa realizada para a concretização deste trabalho, e com a vivência do dia a dia, vemos que grandes passos já foram dados, mas ainda há muitos obstáculos a serem enfrentados pelas mulheres, tanto no âmbito organizacional, quanto na sociedade em geral. Tal assunto, que apesar da grande importância, ainda é um tema pouco estudado e discutido, tendo poucas referências e materiais para ampliarem esta pesquisa.

Por fim, as mulheres estão em busca do seu reconhecimento, sua liberdade e seus direitos de escolha, de apoio, e igualdade. Estas querem mostrar seu conhecimento, e quebrar uma cultura antiga e preconceituosa, que não se encaixa mais nos dias atuais. E, para que não haja retrocesso após inúmeras conquistas, é necessário que tal luta não seja apenas abraçada por mulheres, mas por toda a sociedade, com o fato das mulheres estarem cada vez mais presente no mercado, tanto como funcionária ou como empreendedora, inevitavelmente acarreta grandes impactos de toda ordem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. 2008c. 104p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. 2013c. 236p..

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2003.

Denyse Pontes; Patrícia Damasceno. **AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES NO BRASIL: AVANÇOS, CONQUISTAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**. Florianópolis, 2017.

<<https://blog.solides.com.br/empreendedorismo-no-brasil/> >

Empreendedorismo atual no Brasil: Entenda o cenário atua.

Acesso em 21/08/2019

<https://aempreendedora.com.br/empreendedorismo-feminino-do-surgimento-a-ascensao/>

Empreendedorismo Feminino: Do Surgimento a Ascensão.

Acesso em 15/10/2019

Michelle de Castro Carrijo; Sara Regina Rizza Ferreira; **EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DO GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM)**. Universidade Federal de Uberlândia.

<http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-

[_Teoria_do_Developmento_Econ%C3%B4mico_-](http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-)

[_Uma_Investigação_sobre_Lucros_Capital_Crédito_Juro_e](http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-)

[_Ciclo_Econômico.pdf](http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-)> - **TEORIA DO DESENVOLVIMENTO**

ECONÔMICO : UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE LUCROS, CAPITAL, CRÉDITO, JURO E O CICLO ECONÔMICO.

Acesso em 06/05/2019

Revista Administrativa Contemporânea, v. 17, n. 4, Curitiba, Jul./Ago. 2013. Ferreira Mendes, Jane; Silva Nogueira, Eloy. **Mulheres e suas histórias**: Razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino.

Revista de Administração de Empresas, v. 49, n. 3, Jul./Set. 2009. Silva Saraiva, Luiz; Reis Irigaray, Hélio. **Políticas de Diversidade nas Organizações**: Uma Questão de Discurso.

Revista de Administração Pública, v. 43, n. 1, Rio de Janeiro, Jan./Fev. 2009. Rosas da Natividade, Daise. **Empreendedorismo Feminino no Brasil**: Políticas públicas sob análise.

Revista de Ciências da Administração, v. 16, n. 40, dezembro 2014. Dias Alperstedt, Graziela; Borges Ferreira, Juliane; Custódio Serafim, Maurício. **Empreendedorismo Feminino**: Dificuldades Relatadas em Histórias de Vida.

Revista Pensar Gestão e Administração, v. 6, n. 1, jul. 2017. Marcos dos Reis, Aleciano; Danielle dos Santos, Bárbara; Perazzo Correio, Luciana; Magalhães Ferreira, Letícia. **Identidade e Gênero Nas Organizações**: Os Desafios das Mulheres.

<<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/bis/empreendedorismo-feminino-cresce-o-numero-de-mulheres-no-negocio,852aff9f3862f510VgnVCM1000004c00210aRCRD?origem=estadual&codUf=26%20%E2%80%93%20Acesso%20em%2020/09/2018> >- SEBRAE - **Empreendedorismo Feminino**: Cresce o número de mulheres empresárias. Acesso em 20/10/2018

SEBRAE. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa**. Brasília, DF: DIEESE, 2006.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. **Aspectos culturais nas relações de gênero e a questão da produtividade em tempos de trabalho flexível e qualidade total.** In: Cultura organizacional e cultura brasileira. São Paulo: Atlas, 1997.